

LUZ & CENA

Editora Música & Tecnologia



R\$ 8,00

ANO XII - novembro 2011 - Nº 148
www.luzecena.com.br

A nova cara do Rock in Rio

Em sua quarta edição carioca, festival traz projeto de Danny Nolan e luz de plateia renovada

Entrevista

Fred Rangel

Luz e tecnologia sob a
ótica do fotógrafo de
Cordel Encantado

Cenografia

Sócios da Folgado
Produções contam
detalhes de seus projetos

Direção de Fotografia

Tudo o que você precisa saber sobre planos



LUZ & CENA

novembro 2011

foto capa: Douglas Shineidr



22

capa

Em sua quarta edição carioca, Rock in Rio traz projeto de Danny Nolan e luz de plateia renovada por Rodrigo Sabatinelli

- EDITORIAL 4
- PRODUTOS 6
- DESTAQUE 10
- EM FOCO 12
- DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA PARA VÍDEO 46
- EDIÇÃO DE VÍDEOS COM FINAL CUT PRO ... 50
- NOVA SEÇÃO: ILUMINANDO 54



16

entrevista

Fred Rangel, fotógrafo de *Cordel Encantado*, fala sobre seu trabalho na novela, ferramentas e carreira

por Fernando Barros



32

perfil

Sócios da Folguedo Produções contam detalhes de seus projetos de cenografia

por Rodrigo Sabatinelli



38

mercado

Merlin Video aposta no desenvolvimento técnico do mercado brasileiro

por Fernando Barros



56

galeria

Toronto no outono

por Leandro Rial



À luz da competência

Então, dez anos depois, o Rock in Rio voltou à sua cidade natal. Foram dias de som, de alegria, de algo diferente no ar. O país não discutia exclusivamente futebol, mas também qual o melhor e o pior dos shows da noite passada nos palcos Mundo e Sunset. No entanto, para que o festival, com quase 100 horas de duração e 160 atrações, tivesse a magnitude desejada (apenas pela internet, 180 milhões de espectadores, de 200 países diferentes, acompanharam os shows), boa música não seria o suficiente. E é aí que a L&C entra no jogo, apresentando a você os bastidores do verdadeiro espetáculo de luzes que foi essa quarta edição nacional do Rock in Rio.

Depoimentos de talentosos profissionais que fizeram o dia a dia do festival dão um sabor especial à nossa matéria de capa, que apresenta detalhes do projeto de luz desenvolvido para o Palco Mundo pelo lighting designer Danny Nolan, responsável pelos mapas de luz do RIR desde 2001. Sobre a transmissão do festival, feita com exclusividade pela Globo e pelo canal Multishow, um nome que enriqueceu a matéria foi o do diretor de fotografia Césio Lima, enquanto que o lighting designer Sérgio Antônio nos falou sobre sua tarefa de programar e operar as luzes de plateia (e também sobre o “insight” que salvou o show do Guns N’ Roses de um “fiasco luminoso”). Por fim, a matéria de Rodrigo Sabatinelli ainda revela quais foram os melhores shows, em termos de luz, na opinião dos iluminadores entrevistados. Imperdível.

A L&C deste mês também apresenta um bate-papo com Fred Rangel, fotógrafo da visualmente instigante novela *Cordel Encantado*, recentemente exibida pela Rede Globo. Na conversa, Fred, que começou fazendo documentários, fala a respeito do seu trabalho no folhetim, sobre a aproximação entre ficção e realidade na teledramaturgia e ainda sobre ferramentas, preferências técnicas e os próximos passos de sua carreira. E se competência profissional é algo evidente na obra de Fred Rangel, também é ponto de destaque na matéria sobre a Folgado Produções e seus diversos projetos de cenografia, como os 44 cenários da novela *Vidas em Jogo*, da Rede Record.

A edição de novembro também é o ponto de partida do colunista Farley Derze na L&C. Na estreia na seção *Iluminando*, que substitui a consagrada *Pergunte ao Oz*, este professor do Instituto de Pós-Graduação (IPOG) e doutorando em Arquitetura pela UnB chega oferecendo um texto bastante interessante, que promove uma viagem a tempos em que a luz, caro leitor, tinha cheiro.

Boa leitura!

Marcio Teixeira

LUZ & CENA

ANO XII - Nº 148 - NOVEMBRO 2011

EDITOR
MARCIO TEIXEIRA
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
LÉO MIRANDA, FARLEY DERZE
E RICARDO HONÓRIO

REDAÇÃO
FERNANDO BARROS E
RODRIGO SABATINELLI
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO
CLIENT BY - clientby.com.br
FREDERICO ADÃO

PUBLICIDADE
MÔNICA MORAES
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS
KARLA SILVA
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO
ERIC BATISTA

GRÁFICA EDITORA STAMPPA LTDA

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA
EDITORA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC
86936028/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22753-900
TEL/FAX: (21) 3079-1820
(21) 3579-1821
(21) 3174-2528

E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.



O CHEIRO DA LUZ

Durante milênios, para se produzir luz artificial era necessário contar com alguma forma de combustão. Foi assim com nossos ancestrais paleolíticos das cavernas, há aproximadamente 500 mil anos, quando descobriram o valor do fogo para aquecer o grupo e iluminar o espaço noturno. A chama como fonte de luz artificial foi uma situação que perdurou até o final do século 19. Conclusão: a luz artificial tinha cheiro.

Uáu! Então nossos tataravós e toda aquela gente famosa como Platão, Cleópatra, Nero, Joana D'Arc, Galileu, Mozart e quem mais você puder se lembrar tinha o seu ambiente noturno iluminado por chamas. Podemos então inverter o velho ditado e dizer que “onde há fogo há fumaça”, além de um cheirinho nas roupas, cortinas, cabelos, tapetes, paredes, no ar... Se o ambiente era escuro, sem janelas, ou quando a noite chegava, a luz tinha seu cheiro.

De 2009 a 2011, compilei mais de 600 entrevistas em 14 capitais brasileiras com idosos que foram testemunhas da iluminação artificial produzida por uma chama. Ouvi relatos de que ao se dormir com as lamparinas de querosene acesas, à meia-luz, as narinas amanheciam pretas da fumaça. Os cabelos e os pijamas tinham os vestígios do cheiro do querosene. Voltemos no tempo: imaginemos nossos ancestrais das cavernas, Aristóteles ou Beethoven e nossos tataravós, que também não conheceram a iluminação elétrica, essa que temos hoje – inodora.

Que tal voltarmos aos tempos de Shakespeare para nos sentarmos dentro de um teatro elisabetano e assistir a uma de suas obras à luz de velas? E a fumaça? Há inúmeros filmes de época que mostram a realidade tecnológica da iluminação artificial. Lembrei-me agora

do filme *Em Nome de Deus*, que se passa no século 12. Lá há uma cena no interior de uma taberna onde se desenrola uma peça teatral. Nela, você verá a quantidade de fumaça que exala das velas situadas na “boca de cena” – as luzes da ribalta daquela época.

A essa altura você já deve ter concluído: uáu – a luz artificial, além de ter cheiro, tinha apenas uma cor, a cor amarelada da chama... Inclusive, a cor da luz se manteve amarelada mesmo com a chegada das primeiras lâmpadas elétricas, no século 19. Basta compararmos a chama acesa da combustão com aquele pedaço de brasa do filamento incandescente que foi engarrafado dentro de uma bolha de vidro.

Concordo com sua conclusão e acrescento um tempero a ela. Foi o químico inglês Humphry Davy quem deu o pontapé inicial para a conquista da luz elétrica ao demonstrar, em 1802, que um filamento de platina incandescia quando oferecia resistência à passagem da corrente elétrica. Em 1808 ele criou a primeira lâmpada elétrica (não era incandescente, e sim a arco-voltaico), que iluminou cidades da Europa nas duas últimas décadas do século 19 e também nossa antiga capital, o Rio de Janeiro, até 1920, além de servir ao cinema para projeções até os anos 1980.

Durante o século 19, um francês, um russo e um inglês inventaram suas lâmpadas elétricas incandescentes, mas nenhum deles teve a perspicácia de Thomas Edison. Foi Thomas Edison quem... digamos... socializou o artefato a partir da criação de sua primeira fábrica, em 1890, a Edison General Electric (GE). Pronto: luz elétrica em casa, luz sem cheiro. Edison tentou 2 mil de filamentos: bambu carbonizado, platina e até cabelo de seus funcionários ele arrancava de suas cabeças para fazer passar a corrente elétrica. Enfim, testava tudo o

que a imaginação permitisse.

Mas foi uma simples linha de algodão (daquelas de costura) que demonstrou ser o melhor filamento para deixar a lâmpada acesa por aproximadamente 45 horas, o que era um recorde. Bastou impregnar a linha com alguns restos carbonizados que ficavam depositados no fundo dos lampiões a querosene. E a linha enegrecida ficou em brasa com a passagem da corrente elétrica. Luz elétrica e luz sem cheiro.

Hoje a vedete tecnológica é o LED, isto é, os “diodos emissores de luz”. Gosto de pensar neles como uma espécie de vagalumes artificiais.

Agora você chegou a mais uma conclusão: o mundo se coloriu a partir da luz elétrica. Quem não se lembra da luz colorida da lâmpada de néon, inventada pelo químico francês George Claude em 1902? Hoje as cores luminosas estão em telas de computadores, celulares, tablets, TVs, nas ruas e nos olhos apaixonados. Contudo, justiça seja feita, o teatro deu sua contribuição às cores da luz muito antes da eletricidade, lá nos tempos de Pedro Álvares Cabral. Foi uma ideia do italiano Sebastiano Serlio, em 1551, que deu origem à iluminação colorida na cena, história que vou contar na próxima edição.

Despeço-me com um abraço a todos os iluminadores cênicos, essas criaturas geniais que criam colmeias de luz na caixa cênica.

Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação e doutorando em Arquitetura pela UnB. É diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural. Envie suas sugestões e dúvidas para diretoria@jamiletormann.com. Seu e-mail poderá ser publicado na revista.



Aprenda a iluminar shows e eventos no IATEC

- Iluminação Cênica – 30h
- Iluminação Cênica II – Prática & Montagem – 42h
- Treinamento Oficial Avolites com Certificação Internacional – 16h
- LEDs – Projeto de Iluminação para Grandes Eventos – 8h
- Treinamento em SunLite – 30h

Arquiteto
www.prestumidia.com.br

CENTRAL DE ATENDIMENTO E MATRÍCULA: (21) 2493-9628 / (21) 2486-0629

www.iatec.com.br

iatec@iatec.com.br

IATEC Barra:

Av. Érico Veríssimo, 999 – 3º andar – Barra da Tijuca

IATEC Centro:

R. Pedro I, nº 4, grupo 202 – Centro (Prç. Tiradentes)